

A Cidade de Ytú

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

EDITOR--GERENTE JOÃO PERY DE SAMPAIO

ANNO IX

ASSIGNATURAS

Cidade, anno..... 12\$000
Fóra, anno..... 14\$000
ESCRITORIO—RUA DA PALMA, 56

YTU, 21 de Julho de 1901

PUBLICAÇÕES

Secção Livre, linha..... \$200
Editaes, linha..... \$300
OFFICINAS—RUA DA PALMA, 56

N. 576

"A Cidade de Ytú"

Um chefe, que sobrepuje o povo, um chefe cuja a rectidão do caracter não vascilla em transformar o cumprimento do dever em um jugo onde domina a sua vontade, o seu capricho, apparece-nos agora, glorificado pelo incenso do partidarismo. E no entanto a alma altiva e nobre, torna-se mesquinha, o homem independente torna-se hypocrita e vil, porque não se sujeita a ser guiado por esse chefe, que certamente deve não se ter esquecido, que foram esses mesmos denominados mesquinhos e hypocritas os que lhe concederam algum prestigio, no doce tempo em que o orgulho e a sede do mando não tinham guarida no seio da familia ytuaana.

Porem, é preciso deffinirmos nossas posições. Na treva do egoismo e da deslealdade, nunca nos abysmamos, porque na abnegação da nossa causa, temos ha quatro annos combatido serena e calmamente, o inimigo que no seio do odio e do fanatismo erroneo, não se cansa em dizer defensor do povo, quando na realidade dos factos, vemos que os cofres publicos se esvaziam no esbrançamento de usurpadores e os interesses geraes são lezados pela incompetencia, dos que se dizem legaes representantes da vontade popular. Mas, por uma incompetencia guiada pela *rectidão do character* de seu chefe, que n'elles não pode encontrar elementos hecterogeneos, porque são subjugados pelo servilismo, onde a independencia é um elemento morto, é um predicado banido dos sentimentos essenciaes d'um coração nobre, leal e livre.

E o menosprezo aos interesses geraes do nosso municipio, não demonstra publicamente a *rectidão do character* do chefe dos camaristas? E o seu programma que se cifra em afogar os seus adversarios na lama das calumnias ou n'um mar de injurias, não pode avivar n'um espirito independente e livre um protesto contra o servilismo passivo de seus subalternos, que deprimem as tradições honrosas do nome Ytuano?!

E' preciso deffinirmos nossas posições. Não nos curvamos ás imposições orgulhosas d'um chefe, muito embora, elle para agradar aos que se deixam subjuagar como um instrumento passivo, lhes conceda empregos rendosos, onde absorvendo os fundos do erario municipal, se julgam capazes de desafiar o clamor do povo e as reclamações da imprensa. Não nos curvamos ás imposições d'um chefe, porque temos a liberdade de assim o fazer e essencialmente porque nos dita a consciencia altiva, o caminho por onde devemos levar nossos passos isto é: imitando os nossos antepassados que se orgulharam em serem honradas sem se tornarem instrumentos passivos de chefe algum.

E parece-nos positivamente injustificavel que seja qualificado de ambicioso e hypocrita, quem no justo direito que lhe concede a lei natural das coisas, exige contas de funcionarios publicos, que estão sujeitos á critica publica representada por qualquer cidadão. E não pode

deixar de ser uma explosão de odio e despeito o brado insultuoso de nossos adversarios, que sem a calma precisa denunciam-se fracos guiados pela *rectidão do character* de seu chefe.

Porem é preciso deffinirmos nossas posições. O povo eis o nosso chefe, o seu progresso eis o nosso fim, a sua independencia eis por quem lutamos. E deante d'esses principios, nunca poderemos ser os transfugas no meio da lucta, porque embora velipendiados pela deslealdade de nossos inimigos d'elles nos separa um abysmo invencível, qual o da incerteza de seus fins, que ainda não soube indicar-lhes a *rectidão do character* de seu chefe. Mas, a realidade dos factos nos têm demonstrado claramente, que não é pelo povo que elles luctam e se entregam aos desvarios das paixões politicas, onde os interesses geraes de nossa população são lezados continua e publicamente, á favor do capricho e da vontade do seu chefe, que sabe ingenuamente aproveitar-se do servilismo de seus subalternos, para fazer com que o seu orgulho seja o continuo perseguidor dos homens altivos e independentes.

E é assim que a alma nobre e altiva, torna-se mesquinha, o homem independente torna-se hypocrita e vil, porque inda sentindo no peito o estímulo da honra e da justiça não se deixa levar com um instrumento passivo d'um chefe em cuja a *rectidão do character* reina um orgulho extemporaneo que tende a dominar todos os animos na cadeia deprimente do servilismo.

Porem, sempre o dissemos e diremos, que não nos curvamos ás imposições de chefe algum, porque estamos certos, que elles não mais poderão erguer a voz entre suas victimas que é o povo o qual então saberá ensinar aos seus posteros uma lição preciosa: Contra a vontade d'um chefe que se opponha a vontade do povo.

Não temos necessidade de fingirmos altivez, porque o possuil-a é proprio d'uma alma leal e livre e não da alma que se deixa levar pelo capricho d'um chefe cuja *rectidão do character* tem por principio o servilismo. E assim é que livres dos caprichos d'um chefe e confiantes nos nossos companheiros temos até hoje sabido cumprir os nossos deveres.

Privilegio da liberdade de profissão

A Constituição Federal em seu art. 72 § 24, estatue:

«E' garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial.»

A doutrina alli consignada é ampla, é positiva; não restringe, não especifica, não estabelece condições; o livre exercicio da profissão é garantido pela mesma Constituição; não depende de outra auctoridade, de outra força; não se pode crear obstaculos. O merito ou demerito do profissional, é que pode determinar a continuação do exercicio de

uma profissão qualquer; e nesse exercicio, o profissional é responsavel pelos seus actos de impericia, má fé etc. E' a emulação pela concurrencia; é, conforme a profissão, adaptar a ellas, individuos que lhes tenham tendencias naturaes.

O espirito conservador, emprestado ao paragrapho citado, excepto no Rio Grande do Sul, triumphou daquella doutrina e restringio a liberdade do exercicio de *algumas* profissões intellectuaes, áquelles portadores de um titulo de habilitação.

Os sectarios, quer da doutrina constitucional, quer do espirito conservador que se lhe empresta, em toda a parte do Brasil encontram exemplos caracteristicos.

Nem sempre o titulo do advogado, do medico ou do engenheiro, representa a conquista dos conhecimentos precisos para o exercicio dessas profissões; e em caso algum, poderá servir de attestado do criterio e moralidade precisos para o seu funcionamento. Em grande parte, esses titulos são oriundos de um proteccionismo criminoso perante o senso alto. Desappareça a protecção indevida, e que o portador de um titulo de habilitação tambem o seja de *moralidade e civismo*, e o privilegio se justificaria, embora em grave prejuizo da maior parte do povo que habita lugares onde não existem profissionaes.

São males inveterados que herdamos da monarchia, e se multiplicam na Republica.

O advogado por exemplo, ainda que seja um profissional de pouco preparo, dê-mhe criterio juridico, moralidade e civismo, e sua acção será sempre benefica no seio da sociedade.

Os bachareis intelligentes, estudiosos e honestos, compenetrados de que a advocacia é um sacerdocio, e sob esse ponto de vista, collocam-se ao lado da Lei e do Direito, protegendo os fracos e desvalidos e aconselhando as partes para que, antes de uma demanda, procurem resolver suas questões amigavelmente, tornam-se credores da estima publica e da consideração e respeito de seus concidadãos; realisa-se e justifica-se em sua pessoa e em seus actos—o *privilegio da liberdade de profissão*.

A contra senso.—Póde gozar do privilegio da profissão de advogado, aquelle que é inhabil, ignorante, trapaceiro e até immoral?—Aquelle que serve se do titulo para illaquear a boa fé dos incautos?—Neste caso, é elle um ente nocivo á sociedade brasileira, porque, no geral, nossos compatriotas acreditam muito nos doutores, e os d'esta especie vivem só de explorações. No primeiro caso, é uma vibora, cuja peçonha contamina, perverte, anarchisa e esphacela.

As armas d'esses individuos não são a sciencia, nem a equidade, nem a caridade e ainda menos a Lei; são a bisbilhotice, a trapaça, a intriga, a calumnia, a injuria, a emboscada e emfim: tudo quanto é torpe, tudo quanto é infame. Implantam e procuram enraizar o odio no seio infeliz que o acolheu. Os fracos e os suggestionaveis, são por elles

arrastados, até que acontecimentos imprevistos venham aos poucos esclarecel-os contra mentores tão funestos.

Assim procedem porque, incapazes, e inimigos do trabalho, fazem a desgraça de um povo para especularem com suas lagrimas.

Divagando



Qual, sempre ha de se mesmo assim. Cara lavada e sem verniz não nega fogo. Isto é tão antigo que se emita hoje em dia ou como diz o outro, que quer ser mais ladino do que a gente; isto é pão de cada dia p'ra muitos. E é mesmo... Porque essa historia de V. E. e V. S. é lá com o homem do telephone *boiado*, que para um arrasta-pé e um comprimento tout à fait engrossateur, é de raça registrada. Mas, cá como neto do pae de meu pae, o negocio é muito diferente; com cara lavada sem verniz nada de prosas. Porque não é com prosas, que o neto mais querido de minha avó, vae deixando que se lhe ponha o braço no hombro e distribuindo beijocas na buchecha afóra. Isso lá de adulações meio metro longe do velhinho, que nunca foi seu *commendaire* nem seu *bisconde*. Sou democrata republicano; e isto nem pelos costados do primo Z. F. Rino, vocês me convençam do contrario. E' dogma de meu systema, que, se não adeanta ninguem, tambem ninguem tem o direito de o achar ruim. Não gosto de palavrões e não ha nada como quem diz: isto é isto e aquillo é aquillo. Assim é que se conhece o homem de peso e o peso do homem. Do contrario *estamos em pleno mar* de hypocritas. Mas emfim, os tempos não andam muito catholicos, e é preciso que muita gente *destemida* e *inquebrantavel*, vá quebrando a focinheira do verniz falsificado para ir destripando algum *cadaver* mais necessario. Porque essa historia de viajar de meia cara, torna-se mais barata que uma receita do charlatão da Villanova, o qual tem-se visto *zozzo* com os seus passeios para a capital. E não é para menos. Cada vez de ir, tem que arranjar uma historia, de não sei quem e mais quem onde entra um personagem que lhe tira o verniz falsificado e mostra a força do hominho, que p'ra um arrasta-pé é mesmo um *ai, menina bonita não me toques*. E agora possam com isso. Pois outro dia, de volta d'uma viagem que fiz, passei por essa boa terra e zás, aproveito um tempinho e ponho-me a *palmitar* essas ruas empoeiradas. Cansado e meio *azedo* de calor, volto á estação afin de enfiar-me no comboio e adeus gente. Mas, o desastrado d'um cocheiro quasi que me ia transbordando a paciencia. Pois em frente o kiosque que diz para o largo da estação, vi-me atordoado com patas de cavallos e assovios de cocheiro, que n'uma carreira desabrada levava um passageiro para embarcar. Fiquei meio *bateta* com a attitude do figurão que ia dentro e riu-se dos meus apuros. Mas de emburlo é que elle não

levou a toca do velhinho. Porque logo que cheguei na plataforma, comecei a bispar a figura do tal figurão.

Elle estava de chapéu de palha e tinha... uns traços... característicos do tal que me quiz *abençoar* na tal historia da Pulcheria e da conta do açougueiro.

O' que achado, resmunguei com a *cachola*. Eis o meu muito amado e querido *espantalho* que quiz derrubar o *Madeiro* no meu velho costado. Sim senhor, que pechincha!... E puz-me a admirar o phenomenal portento.

E o meu hominho no passo de urubú malandro, ia e vinha pela estação afóra, sem dar fé ao contente cá do velhinho, que a fallar verdade, estava meio receioso. Mas esse receio logo esvaeceu-se, pela indiferença, que mostrava o tal para todos que o rodeavam.

E eu d'um canto sempre a bispal-o.

Mas o signal de embarque trouxe um movimento de vae e vem na *gare* e eu tive que me dirigir para o meu wagon de segunda. Porem, nem assim perdi de vista meu achado. E o vi entrar sobranceiro n'um carro de primeira classe visinho ao meu.

E eu sempre a bispar o tal. Porque de embrulho é que elle não podia levar a toca do velhinho. Dito e feito.

Momentos depois entra no carro um rapaz espigado e de risinho gordurento, que se chega p'ro meu achado e trava conversa. Comecei a espichar o pescoço e a afinar o ouvido para ver se *pescava* alguma cousa. E enfim, isso lá pesquei, porque o tal puxou do bolso um papelinho e disse ao parceiro:—Consegui.

—Então consequistes o passe livre? Como foi homem, isso?

—Muito facilmente. Um pouco de pomada, uma choramanga e um engrossamento e prompto, cahiu. E assim é que se vive.

Sim senhor, enguli em secco; e comecei a rir-me do geitinho do *talzinho*, que fallara muito em segredo ao companheiro.

Um pouco de pomada, uma choramanga e um engrossamento e prompto, de meia-cara lá se vem de carro a rir-se de quem pucha pelos cobres e compra uma de segunda! Sim senhor, e é assim que se vive sem verniz na cara! Qual! De embrulho é que ella não levou a toca do velhinho, que riu-se gostoso de quem quer ser alguma coisa, sem ser coisa alguma. E é assim que se vive e assim que se aprende, que cara sem verniz é o mesmo que agua de chafariz. Porque pomada, choramanga e engrossamento não é conmigo, que na minha segunda classe ia mais seguro, que o tal na primeira, porque, quem pagou e não bufou, foi o sarado e sympathico

EMBIRRA.

N. B. Com engrossadores é que eu não vou de embrulho. Pague e não bufes p'ra depois bufar, como o mesmo do

O MESMO.

Z. F. Rinadas



«Sr. Z. F. Rino. Felicito-o.

A sua previsão, realisou-se; estamos aqui nadando n'um mar de poeira! Não se pode transitar por estas ruas; que estão em estado lastimavel; e entretanto os poderes competentes fazem que não enxergam, e... o povo está sendo opprimido, para pagar os impostos.

A iluminação, (ou *escuridão* publica como disse o sr.), é uma vergonha. A's 8 horas, pouco mais, os lampeões já com uma luz titubeante, apagam se gradualmente; e ás 11 horas da noite, a cidade jaz na mais densa treva.

As pipas da limpeza publica, estão pe-

dindo ao povo que se revolte, e lhes deite fogo. Estão imundas e pestilentas. Os poderes competentes fazem que não enxergam, e mandam coagir o povo, para pagar os impostos.

Como o sr. tem se interessado pela causa do povo, venho rogar lhe que não se cance de pedir providencias, a ver se esses homens attendem nos.

Termino, pedindo um conselho:—Devemos a vista da oppressão dos advogados da camara, pagar os impostos e multa, ou deixar correr a revelia? Responda sem reboço a quem se subscreve.—Ytú, 11 de Julho de 1901.—Um seu admirador.»

Esta carta que os meus leitores acabam de ler, recebi eu na sexta-feira ultima, e como não sei me fazer de rogado, mórmente quando se trata do bem geral, vou externar minha opinião.

Quanto ao mar de poeira, já previa isso; e como o povo tem se deixado levar sem reagir, contra a incuria da municipalidade, em todos os ramos do serviço publico municipal, é aguentar com mais isso e pedir-lhe que mande mais; ou então que faça irrigar as ruas poeirentas com a agua servida, retirada das residencias; e assim junta o util ao economico: as ruas não terão mais pó, e encontram meio mais facil de despejo.

Quanto a iluminação, é, cada um comprar um lampeãozinho, e andar com elle, quando tiver necessidade de sahir á noite; isto se não quizer levar um carolo em qualquer esquina, ou embarafustar-se n'alguem dos muitos buracos que abundam nas ruas e largos d'ahi.

Quanto as imundas e pestíferas pipas da limpeza publica, aconselho a cada um municipe, á comprar uma garrafa de Creolina, e fazer presente á municipalidade, para desinfecar as pipas.

Quanto ao pagar os impostos *impostos* pelos advogados constituídos pela camara, nem sei o que diga; porem, como dos males o menor: é melhor não pagar, porque: o que tem feito a municipalidade d'ahi, com o dinheiro sugado do povo por espaço de quasi tres annos? NADA! Ora, para *nada* fazer, não ha necessidade de sacrificar o ultimo *vintezinho* de um pae de familia; que muitas vezes, não tendo com o que comprar um pequeno pão, para matar a fome dos filhinhos, vae empenhar algum *traste*, que ainda representa algum valor, para com o seu producto, ir saciar a ganancia dos *desinteressados* servidores do municipio, que a toda a hora, apparecem ao pobre contribuinte, como phantasmas aterradores; e nas suas noites penosas, vê em sonho agitado, a penhora dos seus unicos bens! Da unica choupana, onde se abriga a si, a mulher e aos filhinhos, das intemperies!

Afigura-se-lhe em sonhos, ver os pobres e famintos filhinhos agrilhoados ao poste da miseria, e elle, entre as denegridas paredes de uma prisão!

E' triste! E' deshumano, mesmo! E ha corações, e ha homens, que sujeitam-se a ser instrumentos d'esta perseguição ao povo? Ha! Infelizmente ha!

Morra de fome o filho do pobre, pouco importa, comtanto, que elle pague os tributos á municipalidade.

—A minha linguagem, transtornou se hoje; esta minha secção, consagrada a pilheria, tomou hoje novo caracter, pelo que peço desculpas aos meus leitores; mas, assim querem os homens que infelicitam o nosso povo. Elles querem dinheiro, para sustentar o seu fausto, e esse dinheiro ha de apparecer, saia de onde sahir.

Julgando ter respondido a carta acima transcripta, dá por terminada hoje a sua palestra, o

Z. F. RINO.

Em tempo:—Não ha, portanto.

Addendo:—Idem, idem, porem.

O MESMO.

P. S.—Já depois de escripta a minha Z. F. Rinadas, recebi um numero de um jornal que se publica em Ytú, com um ponto marcado com grossos traços de lapis azul, no qual referia-se a esta secção e ao seu supposto auctor, que bem longe está de ser quem elles julgam.

Façam assim mesmo, meninos, vão tacteando, que poderão algum dia dar na brecha e saber quem eu sou; mas até lá, terei dito tudo o quanto me venha na cachola, e clamado contra a situação que os senhores crearam, unicamente pelo interesse.

O DITO.

FOLHETIM

37

HENRI CONSCIENCE

A SEPULTURA DE FERRO

TRADUZIDO DA ULTIMA EDIÇÃO

POR

C. N.

XVII

Qual era o meu dever n'aquelle lance? Que devia fazer? Ir acabar a vida em uma cidade remota, em um paiz estrangeiro? Mas como explicar esse desapparecimento a meus paes e ao sr. Pavelyn? Havia de denunciar-me perante os meus bemfeitores como culpado de uma ingratição infame, e levar conmigo a sua maldição? Demais, estavam proximos os concursos da Academia. O sr. Pavelyn, meus paes e até os meus condiscipulos, não duvidavam que eu obtivesse os primeiros premios. Essa victoria devia decidir do meu futuro e arredar do meu caminho muitos obstaculos.

Não podia renunciar á probabilidade de ganhar o premio d'honra na Academia; porque, se eu estava completamente dominado por um sentimento que me fazia soffrer atrozmente, o amor da arte e o desejo de por ella me distinguir eram ainda assim bastante vivas em mim para não serem abafadas pelo receio de uma desgraça imminente.

Cheguei por fim a encarar a minha situação com mais serenidade.

Amava Rosa, era verdade, e sentia que esse amor duraria enquanto me palpitasse o coração, mas podia escondel-o em minha alma como um segredo, de que nenhum signal, nenhuma palavra deixaria suspeitar a existencia. Assim, não haveria ingratição nem agravo no meu amor para com Rosa, pois que ninguem no mundo, excepto eu, saberia que sentimento tomára posse da minha alma.

Fazia-me tremer a ideia de que na presença de Rosa não seria senhor de mim e trahiria talvez involuntariamente as emoções do meu coração. Mas então dizia eu a mim mesmo que Rosa me tinha odio, e alegrava-me pensando que essa disposição hostile me daria força para conservar o meu segredo com religioso cuidado; revesti-me-ia de um respeito inabalavel; seria reservado, prudente e simplesmente polido, e assim evitaria todas as occasiões de despertar a mais leve suspeita no animo de Rosa ou de outra qualquer pessoa.

Se eu pudesse cumprir fielmente esta resolução, não havia grande perigo no sentimento que em mim se revelára. E podia ser que da energia da minha vontade e da aversão de Rosa eu tirasse a força necessaria para triumphar do meu amor insensato.

Por alguns instantes sorriu-me esta ideia meio consoladora, mas insensivelmente tornei a cahir em uma dor muda

e sem limites. O véu magico que desde a minha infancia me envolvera a existencia estava feito em pedaços! Rosa odiava-me!

XVIII

Passaram-se doze dias sem que eu ousasse arriscar-me a ir á casa do sr. Pavelyn. N'esse intervallo o dono da casa onde eu estava hospedado disse-me mais de uma vez que Rosa não estava doente.

Tambem não podia espaçar mais a minha visita, sob pena de ter de explicar a minha ausencia, pois que era chegado o domingo em que tinha de ir jantar á casa dos meus proctetores.

Apresentei-me intencionalmente em casa do sr. Pavelyn na propria hora em que costumavam ir para a meza. Achei por conseguinte toda a familia reunida. Rosa estava muito triste; comtudo não notei n'ella outros signaes de azedume do que uma extrema frieza e certa affectação em dirigir-me directamente a palavra. Evitava ostensivamente conversar conmigo, e tinha quasi sempre os olhos ou baixos ou pregados em sua mãe. Afóra isto, não parecia de nenhum modo acanhada e conversava com plena liberdade de espirito. Só uma vez pronunciou o meu nome; mas a ceremoniosa de «sr. Wolvenaer» não soou com a mesma amargura que da ultima vez em que a ouvi da sua bocca.

Eu por mim não podia fazer nada para animar a conversação, nem para alegral-a com gracejos ou dictos espirituosos. Fiz todos os esforços para parecer alegre, mas os meus pensamentos tomavam sempre outro rumo e eu recachia em irresistivel melancolia.

O sr. Pavelyn queixou-se de nós ambos. Quanto a Rosa podia desculpal-a, porque não tinha boa saude, como indicava a sua visivel pallidez; mas eu, que não tinha nenhuma razão para estar triste ou pesado, fazia mal, dizia elle, em augmentar com o meu silencio a tristeza de sua filha em vez de consolal-a por meio de uma conversa animada.

Logo que findou o jantar, quiz o sr. Pavelyn que eu cantasse com Rosa, dizendo que não ha nada que alegre o espirito como é o canto. Mas ella recusou ir para o piano; até parecia que tinha medo da musica, porque quando, para comprazer ao sr. Pavelyn, me dispunha a cantar, bem contra a minha vontade, Rosa declarou que não se sentia boa para soffrer o som da minha voz nem a do piano; que lhe doia a cabeça e que os seus nervos excitados eram de extrema sensibilidade.

(Continúa)

Noticiario

Ainda o nosso anniversario.—Da nossa distincta collega *A Violeta*, que se publica em Itapetininga, trasladamos para as nossas columnas, as palavras de saudações que nos dirigiu, pelo anniversario d'*A Cidade de Ytú*:

«*A Cidade de Ytú*.—Completoou o seu oitavo anniversario a 15 de Junho, o excellent e bem redigido organ republicano: *A Cidade de Ytú*, editado na cidade que lhe dá o nome.

Nossas saudações sinceras enviamos á distincta collega.»

Gratos por essa prova de consideração da nossa sympathica collega; levamos ao seu conhecimento, que não nos chegou ás mãos até o presente, o seu n. 9, correspondente ao mez de Junho ultimo.

Recebendo sempre com grande prazer a visita da collega, sentimos sobremaneira, quando por qualquer motivo, ella deixa de nos visitar,

Detenção por divida!!!—Alexandre Calil, foi ha tempos multado pelo fiscal da camara; segunda-feira ultima, appareceu nesta cidade, e o fiscal o intima para o pagamento devido; Alexandre declara que deixou a profissão de mascate e que não está em condições de pagar; o fiscal leva o facto ao conhecimento do Intendente; este, quer fazer valer o direito e prestigio da camara, e não sabe como resolver; manda chamar um advogado do nosso fóro e pede assessorio; o advogado, depois de consultar a *sciencia que apprendeu*, resolve que o homem devia ser detido até que pagasse.

O Intendente, recebe a consulta e expede a requisição ao delegado.

Detido o criminoso, Orosimbo Carneiro pediu nota de culpa; o delegado cheirou que e acto não era legal. Consultou por sua vez, e em lugar da *nota pedida*, relacionou a prisão incontinentem.

A esse sr. advogado applica-se um dos exemplos característicos sobre o *previlegio da liberdade de profissão*...

Festa da Confraria de S. Vicente de Paulo.—Realizou-se na igreja do Bom Jesus, a festa de S. Vicente de Paulo, celebrada pela respectiva Confraria, de accordo com o comunicado que publicamos no ultimo numero de nossa folha.

Na quarta e quinta-feira ultima, andaram diversos confrades acompanhados de varios sacerdotes do Collegio de S. Luiz, esmolando pela cidade, para os pobres sustentados pela Conferencia.

Romaria.—Na quinta-feira ultima, as Damas de Caridade de S. Vicente de Paulo, acompanhadas de muitas exmas. senhoras, foram em Romaria, até o hospital dos Lazaros, desta cidade, onde foi pelas mesmas, distribuidas esmolos e presentes, aos recolhidos naquella estabelecimento de caridade.

Anniversario.—Colheu ante hontem mais uma flôr no jardim de sua preciosa existencia, a gentil senhorita Maria Olézia, filha do tenente-coronel Brasilico Paes de Barros, abastado fazendeiro em S. Manoel, e neta da exma. sra. d. Clara de Mesquita.

A *Cidade de Ytú*, vem reverente prestar-lhe as suas homenagens.

Bodas de prata.—O nosso prezado amigo sr. Ricardo Pinto de Oliveira, festejou em familia, no dia 15 do corrente, o vigesimo quinto anno do seu feliz consorcio, consagrado as bodas de prata.

Por esse facto, felicitamos ao nosso amigo, e a sua virtuosissima consorte, por tão significativo acontecimento; augurando lhes a consagração das bodas de ouro.

Capitão Octavio da Silveira.—Esteve nesta cidade, a passeio, e deunos o prazer de sua visita, este nosso distincto amigo e collega d'A *Cidade de Santos*.

Gratos pela distincção.

Dr. Marinho de Azevedo.—Esteve nesta cidade, onde veio entender-se com a municipalidade, para a installação da luz electrica aqui, o dr. Marinho de Azevedo, cunhado do nosso conterraneo dr. Geraldo Pacheco Jordão.

S. s. entendeu-se já com o presidente dessa corporação, que parece-nos, pôe embargos a realisação de util melhoramento, allegando estar a municipalidade alcançada e não poder concorrer com o pequeno auxilio pedido.

Isto soubemos de fonte segura.

Festa do Carmo.—Precedida de um *triduo* que começou no sabbado da semana passada, realisou-se na ultima terça feira a festa de N. S. do Carmo, padroeira da Ordem 3ª e convento do mesmo nome.

A festa constou de missas pela manhã, com communhão geral, e á tarde solemne *Te-Deum*.

Amando Silverio.—Retirando se com sua exma. familia, de mudança para a capital, apresentou-nos as suas despedidas, o nosso distincto amigo sr. Amando Silverio.

Gratos por essa prova de consideração, auguramos toda a sorte de prosperidades no lugar de sua nova residência.

Engenheiros da Ytuana.—Acham se residindo nesta cidade os exmos. srs. drs. Antonio Alves Guimarães, digno chefe da locomoção da União Sorocabana e Ytuana; e José Ferraz de Vasconcellos, digno engenheiro da secção Ytuana; que para aqui vieram de mudança de Sorocaba.

Comprimntamol-os.

União Club.—Conforme a nossa ultima local, com o titulo supra, realisou-se no sabbado da semana passada, a *soirée* inaugural desta sympathica e nascente sociedade; nos vastos salões do «Club Lavoura e Commercio»; que achavam-se vistosamente adornados, com cortinas e flôres etc.

Na sala de honra, foram collocadas as letras U. C. iniciais do club, artisticamente trabalhadas em rosas amarellas e brancas.

A entrada, achavam-se dispostos em symetria, vasos com plantas naturaes, palmeiras e flôres.

A's 8 1/2 começaram a dar entrada nos salões do club grande numero de exmas. familias, que vinham com o seu concurso, abrilhantar a festa inaugural daquella associação; e em pouco tempo, achavam-se os salões litteralmente cheios, da fina flôr da sociedade ytuana, que ostentava finissimo *toilet*.

A's 9 horas deu-se começo as danças, que prolongaram-se, sempre em crescente animação e boa ordem até ás 3 1/2 da manhã de domingo ultimo.

Tocou durante a *soirée* uma orchestra, composta dos senhores Joaquim Thomaz, Francisco Vicente, Benjamin Antunes, Antonio Segamarchi, Daute Barbieri, Francisco Borges, Luiz Gonzaga Vaz, Luiz de Abreu, Tercilio Bellintani, e Geraldo Xavier, que se portaram condignamente, sustentando sempre a nota harmoniosa da festa.

Os convidados e exmas. familias, retiraram-se captivos pelo fino trato que lhes dispensaram os socios do novo club, e sua sympathica directoria, que deve estar a esta hora satisfeittissima, pelo brilhantismo da sua primeira partida.

Pela parte que nos toca, agradecendo o amavel convité que recebemos, e as atenções que foram dispensadas aos nossos representantes; auguramos ao novo club, longa vida e toda a sorte de prosperidades, e felicitamos a sua directoria!

Enfermo.—Acha-se gravemente enfermo nesta cidade, o sr. Antonio Liborio Freire, cunhado do nosso particular amigo Belarmino Raymundo de Souza.

Seu prompto restabelecimento.

Giovanni Scolari.—Acha se nesta cidade o velho artista lyrico professor Giovanni Scolari, que aqui pretende, segundo consta-nos, levar a effeito alguns concertos vocaes.

O primeiro delles terá lugar hoje ás 8 1/2 horas da noite, nos salões do «Club Recreio Ytuano», para o qual recebemos do velho artista um convité; que agradecemos, augurando que seja bem succedido, no seu tentamen.

Cães.—Pedem-nos que reclamemos do sr. fiscal municipal, contra a grande malta de cães que infesta ás ruas de S. Rita e S. Cruz; tendo ha dias sido mordido uma creança, filha de um nosso amigo, por um desses animaes.

Direcção dos balões.—Parece já ter sido descoberto o grande problema que ha muito se procura resolver, a direcção dos balões.

Esta gloria, cabe á um nosso patricio, o illustre cientista Santos Dumond, que com a sua ultima experiencia, tem recebido applausos dos mais illustres aeronautas.

Mais uma razão de nos orgulharmos de progressistas e enviarmos uma saudação ao intrepido engenheiro que tem sabido honrar sua patria com os seus esforços.

«Município de Caldas».—Este nosso distincto collega que se publica em Caldas, Estado de Minas, festejou no dia 14 do corrente o inicio do seu quarto anno de existencia; pelo que A *Cidade de Ytú* envia-lhe as suas saudações.

Terras devolutas.—O dr. Secretario da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, dirigiu ao cidadão alferes delegado de policia desta cidade, uma circular, pedindo informações sobre se existem terras devolutas neste Districto, bem como: sua area, valor, distancia da sede, qualidade e importancia agricola, pastoril, fabril ou mineral.

O alferes delegado vae proceder as pesquisas necessarias, para fornecer as informações pedidas.

Roubo.—A's 3 horas mais ou menos, da madrugada de hontem, dous audazes gatunos, penetraram na casa de negocio do estimado commerciante sr. Manoel Lopes Guilherme, estabelecido á rua de Santa Cruz n. 86; e dahi passaram para o aposento onde dormia o mesmo; e para que elle não gritasse pedindo soc

corro; ameaçaram-no apontando ao peito, uma faca; de forma que foi obrigado a indicar aos meliãntes, onde se achava a chave da caixa, que elle trazia na algibeira da calça que vestia diariamente. De posse della, elles já senhores do terreno abriram a caixa, e subtrahiram 2:000\$000 em dinheiro; da gaveta do balcão; levaram mais um rolo contendo 40\$000 em nickel e algumas moedas de prata, de 2\$, 1\$ e 500 réis; de um bahú que se achava aberto tiraram ainda um anel de ouro com a inicial M; e do collete que se achava á cabeceira da cama, levaram um relógio de prata com corrente de ouro com berloque em forma de livro.

Nenhum vestigio foi encontrado pela auctoridade policial, que faça suppôr ter sido a porta do negocio arrombada; e é mesmo de crer, sendo essa tambem a opinião do sr. Lopes, que a porta por onde entraram os *gajos*, tivesse por um fatal descuido ficado aberta.

Para que não se tornasse conhecidos do sr. Lopes, elles cobriram-no com o cobertor que estava sobre o leito.

Hontem muito cedo, pelas 5 horas da manhã, o digno alferes delegado, tendo conhecimento do facto, para lá se dirigiu, e tomou as providencias precisas, ordenando a prisão dos dois individuos; prisão essa que foi effectuada na estação de Mayrink, pelo sr. Francisco Bastos, activo escrivão da policia, que por um feliz accaso, daqui seguira hontem para a capital; sendo os dous, recolhidos á cadeia de S. Roque, onde foram busca os quatro praças do nosso destacamento, por ordem do zeloso delegado.

A's 8 horas da manhã, recebeu o digno delegado um telegramma, communicando a prisão.

Pelo trem da noite de hontem, deviam ter chegado a esta cidade, mas pelo adeantamento da hora, nada mais nos podemos informar aos nossos leitores.

Impressos.—Recebemos a visita dos seguintes collegas:

Le Messager de Saint Paul (n. 1). Jornal semanal que começou a ser publicado na capital, em idioma francez, tendo como seu redactor-chefe o sr. Eugenio Hollender; e administrador o sr. Julio de Andrade.

O Grito. Jornal critico e noticioso que começou a ser publicado em Tieté, sob a redacção do sr. B. A. Moraes.

O Tempo. Orgam semanal que se edita em Faxina, neste Estado, sob a direcção do sr. Ernesto de Camargo.

A Setta. Orgam humoristico do «Club 2 de Abril», de S. Manoel do Paraiso. No seu expediente promete apparecer todos os domingos, se não morrer de mal de sete dias.

—Da Loja *Fé e Perseverança*, de Jaticabal, recebemos uma circular, pedindo a nossa folha para a sua bibliotheca. Attendendo esse pedido, enviaremos o nosso jornal.



Passa-tempo

SEGUNDO TORNEIO CHARADAS

(A' João Pery)

- (62) Contra a parte do navio em perigo, está um animal—2—1—1.
 (63) A planta da Maria tem a fama d'um peixe—3—2.
 (64) A embarcação no Egypto é feita de Palmeira—3—3.
 (65) O sapo é moeda e ao mesmo tempo é fructo—3—2.
 (66) Mineral, vegetal e animal—2—2. (Jundiahy)

Polydamas.

LOGOGRIPO

(A' F. Pereira Filho)

- (67) Pelo simples murmurio; 9, 1, 7, 3, 6, 3, 5 Das ondas mansas; Me falla ella, despida; 2, 8, 4 —E é um centro de danças.

Aracy.

- (68) METAGRAMMAS (A' Benedicto Só)

Moço bem claro, Sendo ainda pagão, Pregou a outro moço, Forte carapetão. Este então furioso,

Viu moça de sua paixão.

Enéas.

(69)

E' grande, e immenso, E mesmo bem grande, E a desordem propenso.

Castor e Pollux.

Edital

O collector abaixo assignado faz saber a Bertanholy Henrique, Narciso Emmanuel, Ricardo Conforti, Ferdinando Tabarachi e Jorge Felicio, que hoje terminou o prazo para o recurso da multa que lhes foi imposta pela repartição a meu cargo, conforme determina o art. 40 do Dec. 3622 de 26 de Março de 1900; e por isso os convida para no prazo de 15 dias virem pagar amigavelmente conforme o art. 37 do Dec. cit. sob pena de serem accionados executivamente.

Ytú, 12 de Julho de 1901.

O collector federal,
Porcino de Camargo Couto.

Annuncios

Sabão de Ytú. No armazem de secco Francisco Valente, na rua da Quitanda n. 1, encontra se sempre em deposito grande quantidade de SABÃO DE CINZA, da fabrica do sr. João José de Andrade.

—No mesmo armazem tem tambem grande quantidade de SABÃO PAULISTA, caixas pequenas a 1\$200 e grandes a 3\$000.

Superior fumo do Jahú

Por estes dias estará a venda nesta cidade uma grande partida deste superior fumo, sendo alguns de 6 cordas e outros de 3, que venderemos arrobas, kilos, e etc., a preço sem competencia.

Por esse motivo chamamos a attenção dos apreciadores do bom fumo a virem á rua do Commercio n. 9, para certificarem.

Manoel Fernandes Rodrigues.

Dr. Jose Scutari

ENGENHEIRO CIVIL

E' encontrado todos os sabbados no HOTEL STELLA D'ITALIA, nesta cidade, para os serviços de sua profissão.

Atenção

O abaixo assignado compra toda e qual quer quantidade de cera bruta. Para tratar: rua do Commercio n. 173, esquina do largo do Carmo.

Fernando Dias Ferraz.

Canna e aguardente

As empresas de transportes e os srs. proprietarios de coudelarias e cocheiras que precisarem de canna maguá e taquara para forragens de animaes, podem dirigir-se ao abaixo assignado, que as tem em quantidade e vende em boas condições. Tem igualmente aguardente de superior qualidade, que vende bem em conta.—Antonio de Almeida Sampaio, estação de Pimenta. Linha Ytuana.

Pechincha

Vende-se á vista ou á praso um engenho de ferro para esmagar cannas, duas caldeas de cobre, para 5 cargueiros, dous coxos de pranchões, para azedar, um estanque para 50 cargueiros e uma serra circular, tudo em bom estado.

Quem pretender dirija-se á rua do Commercio, n. 23, para tractar.

Ytú, 29 de Junho de 1901.

Feliciano Bicudo.

Lavanderia

Vende-se uma de fabrica americana, com todos os pertences e em perfeito estado.

Para tratar com Pereira Mendes, na fabrica de tecidos, Salto de Ytú.

ATENÇÃO!!

DEVIDO A CRISE

ALTA NOVIDADE

Grande estabelecimento commercial

Vendas por atacado e a varejo

No grande estabelecimento commercial de seccos e molhados, generos da terra e do estrangeiro, encontra o respeitavel publico desta cidade e de outras circumvisinhas :

Mercadorias de primeira qualidade, escolhidas nas praças de S. Paulo e Santos pelo seu proprietario ; as quaes são vendidas a preços sem competencia, visto como são compradas semanalmente, de accordo com as oscillações cambias.

Por essa razão nenhum dos seus collegas pôde competir com seus preços attendendo a vantagem das compras.

O seu stock, que é grande, está habilitado a satisfazer qualquer pedido, tanto de generos nacionaes como estrangeiros. TODAS AS VENDAS SERÃO FEITAS A DINHEIRO A VISTA.

YTU'-RUA DIREITA N. 55-YTU'

JOÃO ANTUNES DE ALMEIDA